

Insustanciais seres na língua do vento

Maria Cristina Martins

poeta, roteirista, formada em jornalismo pela Uerj e em história pela UFRJ, preparadora de originais e revisora no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, Brasil).

crissta@gmail.com

Resumo:

O texto conta como o livro *Tudo que foi dito é uma língua desconhecida*, de Maria Cristina Martins, foi nascendo enquanto a poeta estabelecia um diálogo com a poesia de Manuel António Pina. Os conflitos com a linguagem que Martins enfrenta encontram em Pina se não uma solução, ao menos um caminho de apaziguamento.

Palavras-Chave: Manuel António Pina; palavras; linguagem; movimento.

Recentemente, percorri um caminho que me levou à descoberta de que tudo que foi dito é uma língua desconhecida. Foi mais ou menos assim: primeiro, as palavras me faltaram. Depois, eu e as palavras nos traímos. Em seguida, conheci Manuel António Pina e suas respostas-perguntas. Respostas na frente, porque: “Primeiro sabem-se as respostas./As perguntas chegam depois” (Pina, 1999, p. 28).

No momento em que as palavras me faltaram, fugi para a pintura. Pensei que a pintura pudesse falar melhor do que as palavras. Depois de um tempo, senti falta delas, mas considerei mais seguro me ater apenas àquelas escritas. Mais tarde, como consequência do encontro que terei com Pina, tive dúvida:

Por que pensa que as palavras escritas
são mais bem compreendidas
do que as faladas?
(Martins, 2022, p. 70)

Essa dúvida foi também um reflexo de quando eu e as palavras nos traímos, como alguém que “não deu o recado/ou o deu pela metade” (Martins, 2022, p. 54). Escrevia coisas como “palavras verazes” e “palavras trocadas” no mesmo coração (Martins, 2022, p. 29), “minhas mágoas são feito roupas/na cadeira do quarto” (Martins, 2022, p. 43) e:

a língua de uma mãe pode ser
mais fatal do que uma arma
é preciso estar atento ao movimento
para entender quando ela diz
perdão perdão perdão
te amo e não sei como te amar
(Martins, 2022, p. 91)

Andávamos tão desencontradas, eu e as palavras, que era capaz de sentir no próprio corpo: se rejuvenesci cinco anos, “depois fiquei mais velha/do que serei daqui a dez” (Martins, 2022, p. 68). Não queria mais saber de “lamentos de poemas românticos de amor” (Martins, 2022, p. 24), mas buscava “um alfabeto próprio” (Martins, 2022, p. 38), ou uma espécie de vingança, “escrevendo e praguejando/praguejando enquanto escrevo” (Martins, 2022, p. 34).

Apesar – ou por isso mesmo? – de estar em conflito com as palavras, aquilo do qual eu precisava para escrever, segui escrevendo. Se antes havia pedido ajuda à pintura, nessa ocasião me voltei para o movimento, como metáfora para a ação, a ação em contraposição às palavras, ou como complemento das palavras, uma espécie de linguagem mais segura (já que nem escritas as palavras se mostravam capazes de garantir segurança). Fiz vídeos, *performances* de dança, que mais tarde pus no livro através de códigos QR, metáforas de uma tentativa de “fazer o corpo falar/como antes do princípio” (Martins, 2022, p. 40), já que não conseguimos “responder ao homem que grita”, nem “sair do país com marta/tentar nos comunicar em outras línguas” (Martins, 2022, p. 36).

Logo percebi que o movimento também tem seus limites, apesar de pegar emprestada da matemática uma precisão que a linguagem não tem: “2 + 2 nunca será igual a 5/a não ser quando tudo vai mal” (Martins, 2022, p. 18). Sentia que “o movimento é um caminho sem volta” (Martins, 2022, p. 25), sobre o qual não

se pode afirmar nada além disso. E “quase caí sobre paulo josé no último giro” (Martins, 2022, p. 46).

Foi nesse contexto que me apareceu Manuel António Pina, em uma oficina do poeta Tarso de Melo, com a resposta-pergunta que me nocauteou: “Como falaremos com tantas palavras? Com que palavras e sem que palavras?” (Pina, 1999, p. 10). Sem que palavras... Como assim? Não temos de buscar mais palavras, as palavras corretas, formas diferentes de dizer a mesma coisa, à exaustão, nos mínimos detalhes, inclusive pedindo auxílio a outras formas de expressão, como a pintura e a dança? Mal me recuperava do primeiro espanto quando veio outro:

Ouvis-me fora de mim
falando alto?
Que outras palavras são estas,
impronunciadas, falando por mim,
pondo-se entre mim,
as minhas palavras não me deixando falar?
(Pina, 1999, p. 26)

Agarrei no peito e devolvi: imagina, então, como é para uma mulher que quer fazer poema “como se fosse um homem”, que quer ser

livre para escrever
sobre o que quiser
(...)
do jeito que quiser
(Martins, 2022, p. 19)

Então, fiquei sabendo que “a literatura é uma arte/escuro de ladrões que roubam a ladrões” (Pina, 2018, p. 123). Confirmei o que já intuía, de alguma forma, quando falei da poeta que escreve “antes de sentir/então passa a sentir o que não é seu”, ou empresta o que é seu e fica “sem dentes sem boca” (Martins, 2022, p. 28). E já sob sua influência, imaginei “D.M. (...), apátrida por vontade própria” e “formada em línguas inexistentes”, que publicou “seu primeiro livro de palavras roubadas” (Martins, 2022, p. 33).

Começava a nascer *Tudo que foi dito é uma língua desconhecida*, livro que lancei em junho de 2022. Um ponto alto de meu diálogo com Pina foi ter me debruçado sobre a relação entre a memória e as palavras enquanto descobria que, assim como a literatura, também a memória parece um roubo: “Agora sei estas coisas/de um modo que não me pertence,/como se as tivesse roubado” (Pina, 2018, p. 51). Em outro poema, ele diz:

Lugares da infância onde
sem palavras e sem memória
alguém, talvez eu, brincou
já lá não estão nem lá estou.
(Pina, 2018, p. 51)

Se os acontecimentos fossem lugares, como meu filho “imaginou o *réveil-
lon*”, “um lugar/não passagem de tempo” (Martins, 2022, p. 47), quem sabe pu-
déssemos voltar a eles para confirmar exatamente o que foi dito, como foi dito,
por que foi dito. Vasculhar o sentido. Mas até quando fazem sentido, “um sentido
justo”, esse sentido é “feito de mais palavras” (Pina, 2018, p. 87).

Se as palavras no presente já não nos trazem segurança, que dizer das
palavras com as quais costuramos nossa memória!

meus avós maternos me deram
o livro que mostrava o inferno?
senti tanta pena da jacinta
mais que do francisco
e uma inexplicável culpa?
(Martins, 2022, p. 57)

Como eu acreditava nas palavras! Mas tia Cristina disse “não passa nada”
e “me deixou sem recreio” (Martins, 2022, p. 60). No “hospital psiquiátrico pedro
II”, houve a “rádio livre que nunca vingou” (Martins, 2022, p. 49). Hoje peço ape-
nas que “avisem/se não forem cumprir as promessas” (Martins, 2022, p. 20). E,
por acaso, sou diferente? “Por que não voltei para me despedir?” (Martins, 2022,
p. 49). E por que “toda noite penso se também/deixei de cumprir promessas”
(Martins, 2022, p. 36)? A verdade é que “não podemos prometer nada/(...)/nem
mesmo a vida podemos garantir/nem mesmo agora que estamos vivos” (Martins,

2022, p. 90). Aos poucos, ironicamente (já que eu não parava de escrever), me surgia uma aflição: por que insistir nas palavras, se as palavras são tão frágeis, nunca são nossas e dificilmente correspondem ao que gostaríamos?

O que é feito das palavras senão as palavras?

O que é feito de nós senão
as palavras que nos fazem?
(Pina, 2018, p. 16)

Talvez fosse melhor silenciar, optar por não ser, pois

o tempo, agora,
é de poucas palavras,
e de ainda menos sentido.
(Pina, 2018, p. 76)

Eu mesma já havia dito que

nenhum verbo garante
nem escrito e registrado
assinado e certificado
gravado em áudio e vídeo
(Martins, 2022, p. 40)

No entanto, segui escrevendo, por cima das dúvidas, sobre as dúvidas:

por que caminhos a língua viva
transformou a palavra cativar
em algo bom como criar laços?
(Martins, 2022, p. 89)

Questionando conceitos:

amor e ódio
de forma abstrata
não têm significado
é preciso perguntar
o que se ama
o que se odeia
(Martins, 2022, p. 86)

Ou:

eles roubam o ódio
substituem por gratidão
resiliência e esperança
(...)
eles roubam a coragem
é preciso ser feliz
por não acontecer consigo
o que de pior acontece
com o outro
(Martins, 2022, p. 84)

E até buscando algo de positivo nisso:

Desistência

a palavra é frágil
troca-se a primeira letra
vira o oposto
(Martins, 2022, p. 94)

Cheguei a pensar que as palavras são inúteis. Pior: que as palavras são responsáveis pelos desencontros, entre nós e elas, e entre nós, através delas. No entanto, algumas respostas foram aparecendo. Não no sentido de solucionar o problema, mas de mostrar que não há solução, e de que é preciso lidar com isso. Se “o que o livro diz é não dito” (Pina, 2018, p. 119) e há “a impossibilidade de falar”, por outro lado, também há a impossibilidade “de ficar calado/não pode parar de falar” (Pina, 2018, p. 87); “já não é possível dizer mais nada/mas também não é possível ficar calado” (Pina, 2018, p. 16). Mesmo quando o poeta diz que “há qualquer coisa que quer falar e apenas foge” (Museu Nacional da Imprensa, 1997), ele vai atrás de “todas as palavras”, uma espécie de inventário das palavras que sempre perseguiu:

as que procurei em vão (...)
e não reconheci, ou desistiram e partiram para sempre,
(...)
as que não fui (lembras-te?) capaz de dizer-te
nem foram capazes de dizer-me
as que calei por serem muito cedo,
e as que calei por serem muito tarde,
e agora, sem tempo, me ardem;
as que troquei por outras (como poderei
esquecê-las desprendendo-se longamente de mim?);
as que perdi, verbos e substantivos de que
por um momento foi feito o mundo

e se foram levando o mundo.
(Pina, 2018, p. 111)

A essa altura, eu já não buscava as palavras certas, nem mais palavras, à exaustão, nos mínimos detalhes; pelo contrário: sem que palavras. Desejava estabelecer uma nova forma de me relacionar com elas, aceitando-as como são. Angustiava-me ainda tantos desencontros; por exemplo, o fato de que a “passagem só aumenta” mesmo com tantas denúncias nos muros da cidade, mas também aprendi que

preciso dizer o que não vou dizer
por ouvir a razão
não há razão para isto
você parece o camilo
mas eu prefiro o che quer dizer
os dois são lindos e cheios de razão
mas não basta ter razão quer dizer
eles venceram mas a gente não
também não basta não ter razão
não há razão para isto
e ainda assim
antes que o prédio caia
preciso dizer o que não vou dizer
(...)
(Martins, 2022, p. 15)

E digo. E dizemos. Às vezes mais, às vezes menos: contei de “um que fala muito – Solitário/um que ouve muito – Inútil” (Martins, 2022, p. 73); reclamei que “alguém falou de mais/alguém falou de menos” (Martins, 2022, p. 54). E mesmo que a expectativa de compreensão seja pequena, corriji uma frase apenas com uma vírgula:

diante de tudo que não entendia
corrigindo:
de tudo, que não entendia
(Martins, 2022, p. 32)

Não importa saber se as palavras são inúteis ou responsáveis por desencontros. Nossa relação com elas é atávica, como o é “ser pedra em tempos de

grilhão” (Martins, 2022, p. 70); como “a família que acendeu a churrasqueira dentro de casa/para se aquecer numa noite fria”,

é como no filme
réquiem para um sonho
as personagens tentam
mas não conseguem desviar da tragédia
(Martins, 2022, p. 48)

Talvez seja também como “entender um suicida”:

não é difícil entender um suicida
e por isso é difícil demais
e por isso se evita
(Martins, 2022, p. 78)

Evita-se entender um suicida, porque não queremos, não podemos, não devemos aceitar que “amadurecer é aprender a morrer,/calada e sozinha” (Martins, 2022, p. 70). Não é difícil entender as palavras, entender que não são absolutas, e por isso é difícil demais para quem as persegue, para quem sabe que este mundo, da perspectiva humana, é feito de palavras, para além das quais não somos nada.

As palavras (...)
são apenas seres deste mundo,
insubstanciais seres, incapazes também eles de compreender,
falando desamparadamente diante do mundo.
(Pina, 1999, p. 10)

Felizmente houve para Pina

aquelas que ficaram,
por cansaço, por inércia, por acaso,
e com quem agora, como velhos amantes sem
desejo, desfio memórias,
as minhas últimas palavras.
(Pina, 2018, p. 111)

Esse caminho que percorri, que me levou à descoberta de que tudo que foi dito é uma língua desconhecida, não me afastou das palavras, não me transformou numa cética que levasse suas concepções ao radicalismo, ao solipsismo. Com o auxílio de Pina, essa descoberta me fez perceber a necessidade de ser mais tolerante com as palavras, esses seres falhos como nós, dos quais não podemos prescindir, insubstanciais seres surgidos “na língua deste vento”, uma língua “estranha, arcaica/anterior ao verbo” (Martins, 2022, p. 69), que seguem seu fluxo, independentemente – apesar de através – de nós.

Obrigada, Danielle Magalhães e Rita Basílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Maria Cristina. (2022). *Tudo que foi dito é uma língua desconhecida*. Rio de Janeiro: Editora da Autora.

MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA. (1997). *A luz das palavras: biografia multimídia de Manuel António Pina*. Retrieved from http://www.museudaimprensa.pt/biografiamultimedia_manuelantoniopina/opoeta/poemas.pdf.

PINA, Manuel António. (2018). *O coração pronto para o roubo*. Organização de Leonardo Gandolfi. São Paulo: Editora 34.

PINA, Manuel António. (1999). *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*. Lisboa: Assírio & Alvim.